



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS – IBAMA

RELATÓRIO DE VISTORIA

Brasília, 27 de dezembro de 2006.

- Da:** Equipe Técnica
- À:** Coordenadora de Licenciamento de Energia Hidrelétrica e Transposições
Moara Menta Giasson
- Assunto:** Vistoria na área de influência dos AHEs Santo Antônio e Jirau, realizada no período de 18 a 22 de setembro de 2006.
- Processo n°:** 02001.003771/03-25
- Anexo:** Relatório fotográfico, Croqui de trilhas percorridas e Planilhas do sobrevôo e vistoria com pontos de interesse georreferenciados.

INTRODUÇÃO

O presente relatório tem por objetivo apresentar as observações da vistoria técnica no período de “águas baixas” realizada na área dos AHEs Santo Antônio e Jirau, propostos para serem implantados no rio Madeira, município de Porto Velho-RO.

A vistoria contou com a participação de técnicos desta coordenação, além de profissionais e consultores de Furnas, seguindo roteiro sugerido pelo IBAMA e acordado com Furnas com adequações. A vistoria teve como objetivo o conhecimento da região de implantação do complexo hidroelétrico em época de seca, para colher subsídios à elaboração de parecer técnico a respeito de sua viabilidade ambiental e embasamento para as audiências públicas a serem realizadas.

VISTORIA

18 de setembro de 2006:

A equipe saiu de Brasília/DF com destino a Porto Velho/RO pela manhã, chegando por volta de 13:00 horas. Na mesma tarde, após hospedagem e almoço, iniciou-se a vistoria com encontro da equipe de Furnas e posterior divisão das equipes por meios onde:

Meio socioeconômico: seguiu em visita aos assentamentos da margem esquerda do Rio Madeira, denominados Joana D'Arc I e II. Não foi possível fazer toda a extensão por terra, dadas as distâncias e condições da estrada. Até o ramal 9, de um total de 17, já havia a movimentação de implantação das linhas de distribuição e postes de energia do Programa Luz para Todos. Os assentamentos são limitados pela estrada e pelo rio e possuem vocação agropecuária, com venda do excedente em Porto Velho e comunidades próximas. Nas áreas ribeirinhas é comum a utilização das várzeas nos períodos de seca para cultivo de feijão de praia, milho, melancia e abóbora, principalmente. A pesca é praticada para subsistência e há poucos que se dedicam ao garimpo. Cada ramal possui unidade escolar e associação representativa. Na travessia da balsa, o ex-presidente do ramal 11 informou que aos assentamentos (I e II) é facilitado o acesso ao crédito rural. O atendimento médico-hospitalar em Porto Velho é facilitado pela proximidade tanto da estrada como do rio. Sobre os empreendimentos projetados ele afirmou que os homens, principalmente, estão empolgados com a grande oferta de empregos prometida, ainda que temporários. Em relação aos aspectos ambientais, o fato de o rio permanecer cheio, como acontece no "inverno", é lamentado pelos que vivem na região há mais tempo - a média de ocupação na região é de 20 anos. O reservatório (APP inclusive) não atingirá significativamente os assentamentos, não havendo, em princípio, necessidade de deslocamentos.

Meio Físico: seguiu, com profissionais de Furnas, ao Porto do rio Madeira onde se realizam as travessias para BR-319 (Ponto 01). Neste local embarcamos em barco tipo "voadeira" onde navegamos aproximadamente 35 km (12 km a jusante e o restante a montante do porto) com duração de 2:00 horas.

Foi possível reconhecer a Seção nº 75 do modelo fluvial (Pontos 02 e 03), Estações fluviométricas do Canal de Fuga-Régua 2 (Ponto 04), Santo Antônio-ME R5, Santo Antônio-MD R3 (ponto 10), captação CAERD - Companhia de Águas e Esgotos de Rondônia (ponto 9), locais do eixo da barragem, casa de força, canais de adução e fuga, vertedouro, canais de aproximação e restituição e estação fluviométrica régua ANA/CPRM-Portobrás (ponto 11).

Constatamos o baixo nível d'água do rio Madeira com vazão aproximada de 3.300m³/s de cor clara indicando baixa concentração de sedimentos nesta época. Visualizamos as características das margens com sedimentos depositados a medida que o rio baixa seu nível. Estes sedimentos se apresentam instabilizados onde, na próxima cheia, são saturados e mobilizados a jusante. Nas ocupações das margens existem diversos portos a jusante de Santo Antônio. A praia do "cai n'água" se encontra sem qualquer exposição de areia mesmo nesta época de seca, onde, segundo informação, este pacote de areia foi mobilizado pelo rio na

última cheia. Os sedimentos marginais e bancos de areia demonstram uma deposição e mobilização cíclica e de volume importante.

Reconhecemos o trecho com proposta de transposição rodoviária do rio Madeira ligando a Br-319. Foi informado que o projeto da ponte se encontra parado aguardando os encaminhamentos da hidroelétrica de Santo Antônio que poderia ser usada como transposição no entanto no estudo de impacto ambiental e projetos de engenharia apresentados não foi encontrado qualquer citação sobre o assunto.

Meio Biótico: dirigiu-se a Universidade de Rondônia (UNIR) onde encontrou-se com alguns pesquisadores que contribuíram para a elaboração o EIA. Foram discutidos assuntos referentes a mastofauna, avifauna, hepatofauna, ictiofauna e pesca. As informações prestadas pelos pesquisadores contribuíram para o melhor entendimento dos tópicos abordados no EIA.

19 de setembro de 2006:

Início	07:00 horas	
Fim	19:30 horas	
Deslocamentos:	Aéreo (sobrevôo)	807 km
	Terrestre	270 km
	Fluvial	12 km

Foi realizado sobrevôo no período da manhã onde participaram todos os nove integrantes da equipe do IBAMA divididos em três aviões monomotores com asa alta, locados pelo empreendedor. Todas as três aeronaves fizeram o mesmo percurso proposto em planejamento anterior, cada um percorrendo aproximadamente 807 km, com duração de 3 horas e 35 minutos (anexo croqui com percurso sobrevoado e tabela com pontos georeferenciados com gps de navegação).

Durante o sobrevôo de Porto Velho a montante, foram observadas especialmente na margem direita do rio, mais baixa, muitas clareiras, sinais de derrubadas recentes e fazendas de criação de gado nelore, com os animais pastando e caminhando em meio aos restos de troncos caídos e/ou parcialmente carbonizados sobre o capim que mal cobria as marcas de queimadas recentes em certos trechos. De maneira geral, observou-se que a margem direita do rio Madeira, especialmente nas proximidades de Porto Velho e Jaci-Paraná, encontra-se mais antropizadas que a margem esquerda, de relevo mais íngreme e oposta às principais áreas de ocupação urbana. Mais a frente, avistou-se o que pareciam ser tanques de piscicultura próximos a margem do rio Madeira.

Na região de Jaci-Paraná, distrito de Porto Velho onde a atividade madeireira é intensa, observou-se uma nítida supressão da vegetação ao redor do núcleo urbano (principalmente). Pôde-se observar também extensa fragmentação da mata, com marcas de queimadas recentes, derrubadas e presença de carvoarias, além de desenhos de pequenas bacias de drenagens, indício de que pequenos cursos d'água foram secos/assoreados em decorrência da retirada da cobertura vegetal e queimadas.

Na região do Mutum-Paraná, afluyente da margem direita, cerca de 8 dragas foram observadas no canal do rio Madeira. Mais adiante, observou-se uma linha de transmissão com sinais de queimadas recentes feitas em sua proximidade. Nas proximidades da cachoeira Araras foram avistadas muitas ilhas de areia e praias nas margens do rio, além de cerca de uma dezena de dragas. Além disso, foram observadas extensas áreas desmatadas e/ou queimadas próximas às margens, com uma estreita faixa de vegetação entre as áreas queimadas e o rio propriamente dito. Nessa região de Mutum-Paraná foi vista a área de campinarana que será mais afetada pelo empreendimento. No geral, esse tipo de formação vegetal está mais preservado devido ao fato do solo ser impróprio para agropecuária.

Na margem esquerda as intervenções antrópicas se devem principalmente à existência de pequenos sítios de ribeirinhos, com moradias simples, clareira, plantações de banana, milho, mandioca e plantações de feijão e milho, abóbora nas praias próximas. Em algumas dessas ocupações há ainda alguns animais de criação.

Voando em direção ao igarapé São Simão e cachoeira Tamborete, observou-se a existência de praias na margem direita, bem como um verdadeiro “corredor de desmatamento” na mesma margem. O igarapé São Lourenço foi avistado com dificuldade devido a pouca quantidade de água. Mais a montante, próximo ao salto do Jirau, observou-se áreas queimadas e sinais de derrubada. Além disso, havia uma draga nas imediações.

A jusante de Porto Velho, uma grande área de queimada foi observada. Ao contrário do trecho do rio a montante, as margens são mais baixas, o rio menos “encaixado”, começando a aparecer maiores áreas alagáveis. Na região da foz do rio Jamari foram observados lagos laterais de água na cor bege, onde foi constatada a presença de macrófitas aquáticas. Ainda em relação a esse rio, próximo a sua foz, várias dragas – em torno de 15 –, foram observadas em atividade de garimpo.

Com término do sobrevôo por volta das 12:45 horas a equipe se deslocou aproximadamente 230 km via terrestre em microônibus até a balsa de travessia do rio Madeira na Rodovia BR-364 (ponto Porto BR 364) onde embarcou em voadeiras para reconhecimento do local do “barreiro” (pontos Barreiro, 68 e 69) utilizado por psitacídeos em sua alimentação. Vistoriamos o local onde barqueiros conhecedores do local informaram hábitos e horários de alimentação usuais de araras e papagaios. Durante todo o trajeto foi possível observar a formação de extensas praias, visíveis neste período de rio baixo, época que os moradores denominam verão. Em algumas das praias foram avistados cultivos de feijão, abóbora e milho. Retornamos a BR-364 porto da margem esquerda do Madeira já na foz do rio Abunã (ponto 64) onde embarcamos no microônibus até a vila de Fortaleza do Abunã, ainda no município de Porto Velho, onde pernoitamos.

20 de setembro de 2006:

Pela manhã, devido as informações adquiridas no dia anterior, a equipe foi dividida em duas. A primeira saiu por volta das 5hs da manhã, tendo como primeiro destino o barreiro onde foi possível diferenciar algumas espécies de psitacídeos forrageando no local, além do avistamento de um grupo de araras que sobrevoavam a região. Além de diferentes espécies que exploram esse ambiente, um grande número de indivíduos também o faz, número este que seguramente ultrapassa cem. Próximo ao primeiro barreiro visitado pôde-se constatar a presença de algumas casas, que de certa forma prejudica seu hábito de alimentação, tendo em vista que estas espécies não são muito tolerantes a presença humana. Os outros barreiros visitados estavam desativados, que segundo informações locais, provavelmente em virtude da pressão da caça sobre estas espécies.

O segundo grupo iniciou suas atividades ainda em Fortaleza de Abunã por volta das 7 horas, com reconhecimento da régua de montante. Nos deslocamos por via terrestre até o porto da margem esquerda do Madeira já na foz do rio Abunã (ponto 64) embarcando em voadeiras navegando a montante no rio Abunã passando pelo ponto de limnologia ABU10 seguindo até uma cachoeira (ponto 66) onde não foi possível prosseguir.

Observou-se que no trecho visitado do rio Abunã as margens eram arenosas, as águas barrentas, mais que as do Madeira, segundo comentários dos técnicos de Furnas. Observou-se que a margem boliviana está mais preservada que a brasileira. Ao longo do trajeto Abunã acima, via-se as margens de areia, o barranco alto e em cima, árvores. Pontos com praias e barrancos e pedras com vegetação, plantas. Há locais com canarana no barranco (muitas).

Retornamos ao rio Madeira seguindo a montante até a Estação Fluviométrica de Abunã - Código 15320002 onde, de posse da cota zero da régua (74,65m) fizemos a leitura de 5,36m obtendo uma cota de 80,01m (cota esta abaixo da cota mínima da operação variável estudada para AHE de Jirau).

Navegando a jusante pela divisa entre o Brasil e Bolívia visualizamos o quartel boliviano na localidade de Manoa (ponto 67), Continuando a jusante passamos pelo “barreiro”, até as imediações do ponto de limnologia MAD 20 (ponto 70) e foz do igarapé Simãozinho (ponto 71) onde retornamos ao porto de travessia da BR 364, margem esquerda.

As duas equipes se reuniram e, por via terrestre, nos deslocamos até o distrito de Mutum-Paraná onde almoçamos.

Após o almoço novamente houve uma divisão das equipes em duas. A primeira seguiu para uma área de ocorrência da formação campinarana próxima a Mutum-Paraná. Inicialmente percorremos uma área de transição Campinarana Florestada / Floresta Ombrófila Aberta. Em seguida, passamos pela Campinarana gramíneo-lenhosa, após a ocorrência de queimada. Mais a frente, vimos outra área de Campinarana gramíneo-lenhosa e Campinarana Florestada. Parte dessas áreas estava desmatada e abandonada. De acordo com o técnico de Furnas que acompanhava a equipe, as áreas de Campinarana quando desmatadas para uso agrícola ou pastagens são abandonadas devido à baixa qualidade do solo para essas finalidades. Às vezes, a queima das áreas de campinarana gramíneo-lenhosa é realizada pela

população local para utilização da rebrota como pastagem natural. As áreas de Campinarana vistoriadas não serão afetadas diretamente pelos empreendimentos. Porém, essas áreas foram visitadas devido à dificuldade de acesso às formações que serão afetadas diretamente.

A segunda equipe percorreu áreas urbanas de Mutum-Paraná que serão diretamente afetadas pelo empreendimento. Logo após nos deslocamos por via terrestre, em estrada que será totalmente afetada pelo empreendimento, até o rio Madeira (ponto “travessia”).

Via fluvial seguimos a montante com objetivo de reconhecer o local de provável conexão, em épocas de cheia, do “bolsão” de Mutum-Paraná (ponto 73).

Devido ao avançado horário e desencontro entre as equipes não foi possível reconhecer os pontos previstos como a foz do rio Mutum-Paraná e Mad-30 onde passamos rapidamente em direção ao ponto 74, onde desembarcamos e seguimos via terrestre para pernoite em Porto Velho.

21 de setembro de 2006:

Toda a equipe se deslocou de Porto Velho, via terrestre, para o acampamento de Jirau (ponto 76), onde o geólogo de Furnas, Sr. João Batista, fez uma explanação sobre as características construtivas e geológicas do AHE Jirau, mostrando em mapas as áreas destinadas a bota-foras e jazidas. Ressaltou que nenhum material do leito no trecho de Jirau será utilizado na construção, pois os resultados das sondagens realizadas na área não apresentaram boa qualidade e confiabilidade. Em seguida, a equipe partiu de voadeira para conhecimento dos Igarapés da margem direita Caiçara (ponto 80) e Jirau (ponto 83) e o rio São Lourenço (ponto 81, margem esquerda). Durante esse trajeto, observou-se um rio com volume muito baixo e, conseqüentemente grande extensões de praias, algumas com a presença de aves aquáticas, vários cultivos de várzea, bancos de areia e afloramentos rochosos significativos; uma vegetação densa e grande presença de vegetação rasteira; algumas balsas do tipo “scarifussas”, que garimpam em rios de pequenas profundidades e próximas de bancos de areia, como é o caso atual do rio Madeira; algumas dragas em atividade. Os igarapés Caiçara e Jirau encontravam-se praticamente sem água, ou seja, somente filetes de águas, com margens erodidas, bem como a colocação pelos ribeirinhos de rede de pesca amarradas nas margens e de barramentos de madeira, como é o caso do rio São Lourenço.

Desembarcamos perto do ponto de coleta de limnologia – MAD 40. Fomos também ao ponto de arrasto (ponto de coleta de ictiologia), próximo a ilha Santana. Uma grande ilha de areia, submersa durante o período de cheias, e com alguma vegetação rasteira e rala. Durante essa parte da vistoria foram avistadas cerca de 4 dragas. Ao longo do Madeira foram observados barrancos altos com árvores.

A certa altura da viagem, sentia-se o barco “pegando” no rio, como se algo prendesse a voadeira em breves instantes. Segundo o barqueiro, isso se deve a mato submerso que cresce entre as pedras do fundo do rio em locais mais rasos. Convém lembrar que as águas do Madeira nesta época (setembro) estavam bastante claras, com pouco sedimento, além do rio estar mais baixo que no início do ano (enchente/cheia). Situação bem distinta da presenciada

durante a vistoria de início de fevereiro. Além das 4 dragas, mais 17 “scarifussas” sobre a praia. Ao fim, próximo ao porto, adentramos em um banco de areia. Tanto técnicos de Furnas quanto barqueiros comentaram que não se lembravam do referido banco de areia naquele local, o que certamente é indício tanto da grande quantidade de sedimentos carregados pelo rio Madeira quanto de sua mobilidade e, conseqüentemente, do desenho do canal do rio “navegável”.

A segunda equipe seguiu para o rio Mutum verificar um ponto de alta diversidade ictiofaunística e um ponto de alta diversidade de fauna terrestre. No local foi constatada grande quantidade de pedras no leito do rio, aparentemente maior que qualquer outro ponto de ictiofauna do levantamento do EIA. Provavelmente, a grande quantidade de pedras promove alta estruturação de habitats, e assim favorece a diversidade local de espécies ícticas.

Na volta para o acampamento de Jirau, juntaram-se as duas equipes e assim foram visitadas duas Estações Fluviométricas, duas a montante do eixo de Jirau (4,36m + zero da régua = 68,02m, total = 72,38) e Estação do Modelo Reduzido E1 (6,46m + zero da régua = 65,79m, total = 72,25). O hidrometrista de Furnas que acompanhava a equipe e fazia as leituras das réguas relatou que ao todo são três estações cujos dados de nível serão utilizados quando da realização e ensaio do modelo físico reduzido a ser produzido durante os projetos básico e executivo, uma encontra-se a montante do eixo de Jirau (E1), outra no eixo (E2) e uma última a jusante (E3).

Em prosseguimento, a equipe dirigiu-se para a Vila de Jaci-Paraná, onde foi possível reconhecer a vila e visitar as áreas utilizadas para lazer (ponto 86), bem como o ponto JAC-10 de limnologia na ponte metálica que foi utilizada na época em que funcionava a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré – EFMM (ponto 63). Segundo técnico de Furnas responsável pelo meio socioeconômico, uma parte do distrito de Jaci-Paraná, a Velha Jaci será afetada pela formação da Área de Preservação Permanente do AHE Santo Antônio, o qual deverá receber novo tratamento em termos de infra-estrutura básica, energia elétrica, saneamento e uma organização social com a formação de novos laços afetivos. Em seguida, a equipe voltou para Porto Velho, com parada na Igreja de Santo Antônio, onde foi possível verificar o local do eixo do AHE Santo Antônio (Ilha da Antena) e a Ilha do Presídio. Como o nível do rio estava baixo, existia no local somente blocos de pedra, ou seja, uma extensa área praticamente ensecada e algumas áreas com água represada.

22 de setembro de 2006:

A equipe saiu de Porto Velho chegando em Jaci-Paraná, onde foi feito um reconhecimento fluvial até a Cachoeira de Teotônio, passando pela Cachoeira de Morrinhos, que desaparecerão definitivamente com o empreendimento.

A partir da praia de Jaci-Paraná - que forma um balneário bastante explorado para lazer e que será submerso pelo empreendimento, localizada próxima à antiga ponte metálica da EFMM, descemos o rio Jaci-Paraná em direção a sua foz, no rio Madeira. O rio, ao menos do trecho de praia a foz, é bastante meandrante. Há trechos de areia (praias) nas margens do rio, além de trechos de margens alagáveis, conforme se observa pelo aspecto da vegetação

marginal, que mais lembra o de uma mata de igapó ou mesmo um manguezal. De fato, em época de cheia, essas margens são alagadas, o que significa aporte de nutrientes e, certamente, acesso dos peixes a fontes de alimento. É interessante notar que os barrancos do Jaci são de coloração clara, com alguns trechos de coloração mais escura, principalmente mais próximo a foz do Madeira, o que deve indicar que mais a foz o Madeira avance com sedimentos.

Durante a descida do rio Jaci houve um ponto em que os barcos “atolaram” na areia. Ou a areia é contribuição do rio Madeira ou mesmo areia que vem de montante, do próprio Jaci-Paraná. Ao longo do trecho percorrido do rio Jaci foram observados muitos troncos e raízes de árvores caídas, constituindo-se certamente em áreas de refúgio de peixes ou mesmo de alimentação principalmente em época de cheias. Apesar de não ter sido feita análise mais aprofundada dos troncos, é possível que perifíton cresça sobre eles durante a cheia. Deve-se notar que durante a presente vistoria a água do rio Jaci apresentava coloração verde-olivácea enquanto durante a cheia (início de fevereiro), preta, concordando com a inundação da vegetação marginal de aspecto de mata de igapó.

Chegando ao rio Madeira propriamente dito, os barcos se separaram, dois indo a jusante e um indo a montante, rumo ao Karipuna e ilha Santana. É interessante notar mais uma vez a diferença entre as duas épocas de vistorias – enchente/cheia e seca – a notável diferença no nível d’água e em sua coloração, bem como a quantidade de sedimentos, bem menor que durante a cheia. Outro fato também digno de nota é a vazão da grande maioria dos rios e igarapés afluentes ao Madeira, muitos deles se restringindo a um filete de água passando entre barreiras de sedimentos em sua desembocadura, que mais pareciam, na maioria das vezes, ravinas, com exceções, poucas, como o Jaci-Paraná, que mesmo assim apresentava vazão aquém da observada durante o início do ano. Durante todo o período de vistoria, ao longo da semana, foram encontrados indícios de pesca predatória, como em um afluente da margem direita do rio Madeira, em que se observou uma estrutura feita de tábuas de madeira, como se fosse um curralzinho, possivelmente para aprisionar os peixes, que nesta época saem dos afluentes para o rio principal. Em outros igarapés, observava-se lixo obstruindo o curso, como no igarapé Jirau.

Chegando ao igarapé Jatuarana, dois técnicos do IBAMA (Rodrigo Koblitz e Gina Deberdt) saíram do barco e subiram o barranco para conseguirem ver além, visto que a vazão do igarapé tornava impossível a passagem do barco. Acabaram conversando com um morador local, que disse haver bem a montante uma cachoeira.

Um dos técnicos (Ivan Teixeira) ficou no barco. Em conversas com o barqueiro, ouviu-se comentários sobre o rio Madeira ter “muito bicho de casco”, uma clara alusão a tartarugas. De fato, no dia anterior, um dos técnicos do IBAMA comentou sobre avistar um conjunto de pequenos quelônios sobre um tronco de árvore emerso nas margens do rio, provavelmente tomando sol. Além disso, o barqueiro comentou sobre “o rio estar mal cuidado”, a pesca predatória na boca dos igarapés “que acaba com os peixes e tira o sustento do ribeirinho”. Como exemplo dessas ações citou que no passado, via-se séries de malhadeiras nos igarapés para captura dos peixes. Acrescentou que isso “melhorou muito”, mas que ainda ocorre. Deu exemplo de avistarem uma malhadeira na boca do Mutum, quando de uma viagem de voadeira para buscar pessoas por ocasião de realização de reunião pública

patrocinada pelo empreendedor. A malhadeira estava se mexendo, o que chamou atenção do barqueiro e de um dos técnicos de Furnas, que examinaram-na e descobriram dois tracajáns enredados, que foram libertados junto com o desarme da malhadeira. Tendo em vista o relato, as praias provavelmente desempenham importante papel não só para a população ribeirinha que as usa para o plantio durante a seca, como certamente para os quelônios do rio.

Quanto aos peixes, o barqueiro comentou que o Karipunas também sofre com a pesca predatória, sendo considerado um igarapé “que dá muita jatuarana”, peixe que sobe o igarapé, provavelmente para se alimentar e/ou reproduzir, o que parece ocorrer mais a montante, nas proximidades de uma cachoeira.

Quando descemos o rio Madeira em direção a nosso destino final, na comunidade do Santo Antônio, via-se ao longe, em meio a mata, focos de queimadas, alguns menores, outros maiores, soltando uma fumaça preta. Pelo observado durante toda a vistoria, seja aérea, seja fluvial e mesmo durante a chegada a Porto Velho em 18.9, a época de seca é a época de maior ocorrência de queimadas. Na descida do rio Madeira a partir da foz do igarapé Karipunas até Santo Antônio, observou-se, principalmente logo antes da travessia da cachoeira Morrinhos, uma grande queimada a montante, inclusive com a fuligem caindo sobre as águas ao redor e mesmo sobre a voadeira.

A Comunidade Amazonas foi visitada pela equipe, onde se constatou uma grande ocupação da Cachoeira de Teotônio, neste período do ano com volume menor de água, pelos banhistas, pescadores e visitantes e que, conseqüentemente, aportam lixo orgânico e inorgânico, que são jogados a céu aberto.

Após o almoço em Santo Antônio, decidimos cruzar o rio Madeira e chegar a comunidade Amazonas, local da pesca com burra. Os pedrais estão bem expostos, dando impressão – falsa – de que o rio pode ser atravessado de um lado a outro pisando-se as grandes pedras, o que é veementemente desaconselhado por barqueiros e moradores locais. Nos pedrais da margem esquerda do Madeira, onde se localiza a comunidade Amazonas, observa-se poças de água estagnada, com profusa produção de algas verdes devido a grande quantidade de nutrientes orgânicos – em grande parte derivados de dejetos e restos de peixes pescados e consumidos pelas pessoas que ocupam o local – além de restos de peixes sobre as pedras. Convém notar que há a instalação de um boteco sobre os pedrais durante a época de seca, quando, ao que parece, a freqüência de “pescadores de fim de semana” aumenta. Há um “banheiro” no boteco, o que, considerando o caráter sazonal da estrutura, indica com certeza que os efluentes são despejados *in natura* no rio e sobre os pedrais. As condições sanitárias na comunidade são, de modo geral, ruins, não havendo distinção entre a água para dessedentação humana, água para higiene corporal, água para eliminação de efluentes e água para o preparo de comida. Observou-se também, durante a visita a essa comunidade, muitas pessoas pescando com variados apetrechos de pesca, como molinete, linha de mão e mesmo tarrafa. Foram observados muitos peixes passando pela cachoeira, como se pôde notar pela facilidade com que pescadores fígavam peixes no local. Além disso, via-se muitos peixes pulando os pedrais em direção rio-acima, tendo sido observados muitos pintadinhos, pias e curimbas.

Especificamente sobre os pescadores da região, nem todos eles podem ser considerados tradicionais, sendo alguns esportivos. A prática da pesca nesta região, apesar de

ser proibida, parece ser extremamente frutífera, e o pescado parece constituir-se quase que totalmente de espécies migradoras.

Em seguida, a equipe percorreu o rio Madeira até a Cachoeira de Santo Antônio, futuro eixo, passando pelo ponto de estudos limnológicos MAD 80 e pelos igarapés de Jatuarana e Mucuí e, novamente o que se viu foram filetes de água e margens desbarrancadas.

23 de setembro de 2006:

Parte da equipe visitou, pela manhã, o porto do Cai n'Água e o museu da EFMM, que se encontrava fechado na ocasião. No horário visitado, próximo das 8h00, observou-se uma intensa movimentação de desembarque pesqueiro, com barcos provenientes, segundo pescadores, tanto das proximidades, quanto de áreas a jusante no próprio Madeira. Observou-se uma grande quantidade de peixes desembarcados, como jaraqui, branquinha, matrinxã e douradas. De acordo com os pescadores, as águas do Madeira na ocasião estavam excepcionalmente claras devido à menor vazão fluvial e à baixa quantidade de sedimentos. Tais condições, quando ocorrem, levam a uma maior migração de peixes, especialmente os peixes de escama, além das douradas, que apresentam migração mais intensa a montante justamente nesta época. Apesar da maior migração na ocasião e conseqüente aumento de produção pesqueira e preços mais baixos, a oferta de pescado no Cai n'Água estava bem maior que a compra, levando a perda de parte da produção, conforme os próprios pescadores disseram e publicado no dia anterior pela imprensa local. Assim mesmo, o desembarque pesqueiro não diminuiria no mesmo período, certamente mantendo o mesmo quadro de desperdício de pescado.

Alexandre Pollastrini

Analista Ambiental
in memoriam

Gina Luísa Boemer Deberdt

Técnico Especialista

Ivan Teixeira

Analista Ambiental

Lilian Maria Menezes Lima

Analista Ambiental

Marcelo Belisário Campos

Analista Ambiental

Ricardo Brasil Choueri

Analista Ambiental

Rodrigo Vasconcelos Koblitz

Analista Ambiental

Silvia Rodrigues Franco

Técnico Especialista

Vera Lúcia Silva Abreu

Analista Ambiental